



Revista Portuguesa de Educação Artística,
Volume 8, N.º 2, 2018
DOI: 10.23828/rpea.v8i2.###
<http://recursosonline.org/rpea>

Escala da Autoeficácia Musical para Instrumentistas e Cantores de Música Erudita

Musical Self-Efficacy Scale for Classical Musicians and Singers

Carlos Alexandre Mourão de Carvalho e Damas

Investigador Integrado – CESEM
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa
cdamas@uevora.pt

RESUMO

Muitos especialistas referem que a autoeficácia se reflete na qualidade do desempenho e aprendizagem. Baixos níveis de autoeficácia podem resultar em sentimentos depressivos, baixa autoestima, pensamentos pessimistas, e ansiedade. Bons níveis de autoeficácia favorecem a aprendizagem, o desempenho, melhoram a motivação, a resiliência, a saúde. Este estudo teve como objetivo construir e validar uma escala, que permita analisar a autoeficácia e fontes de autoeficácia que podem influenciar as crenças dos alunos de música clássica. Com recurso a um painel Delphi composto por cinco especialistas, elaboraram-se os itens da escala. A escala resultante, composta por 22 itens, baseou-se na escala da autoeficácia geral de Ralf Schwarzer e Matthias Jerusalem, e nas quatro fontes de autoeficácia de Albert Bandura. A escala foi administrada a 150 participantes, alunos de várias classes de instrumentos e canto, que frequentam instituições de ensino politécnico e universitário em Portugal. As análises estatísticas demonstraram boa confiabilidade. Podemos considerar a escala elaborada um instrumento útil para avaliar os níveis de autoeficácia e as fontes de autoeficácia que influenciam as crenças dos músicos.

Palavras chave: Escalas; Autoeficácia; Músicos; Alunos; Performance

ABSTRACT

Many experts mention that self-efficacy is reflected in the quality of performance and learning. Low levels of self-efficacy can result in depressive feelings, low self-esteem, pessimistic thoughts, and anxiety. Good levels of self-efficacy favor learning, performance, improve motivation, resilience and health. This study aimed to build and validate a scale, to analyse self-efficacy and self-efficacy sources, that can influence the beliefs of classical music students. Through a Delphi panel, made up of five specialists, the scale items were elaborated. The resulting scale, composed of 22 items, was based on the general self-efficacy scale of Ralf Schwarzer and Matthias Jerusalem, and on Albert Bandura's four sources of self-efficacy. The scale was administered to 150 participants, students from various instrument and singing classes, who attend polytechnic and university education institutions in Portugal. Statistical analyzes showed good reliability. We can consider the elaborated scale a useful tool to assess the levels of self-efficacy and the self-efficacy sources that influence the musicians' beliefs.

Keywords: Scales; Self-efficacy; Musicians; Students; Performance

1. Introdução

A *performance* é definida por Hornby (1974) como uma conquista, uma ação notável. Emmons e Thomas (1998) mencionam a alta e inabalável confiança como uma característica psicológica dos *performers* que atingem alto desempenho.

De todos os fatores que nos motivam, talvez nenhum seja melhor do que as crenças nas nossas competências (Hendricks, 2014). Segundo referem Schunk & Pajares (2009), as crenças de autoeficácia são muito importantes na educação, os alunos que se sentem mais eficazes, tendem a envolver-se em ações autorregulatórias e a criar ambientes ideais para a sua aprendizagem.

A autoeficácia reflete a confiança de um indivíduo na sua capacidade de exercer controlo sobre a motivação, comportamento e ambiente social. Estas autoavaliações cognitivas influenciam todo o tipo de experiências humanas, incluindo os objetivos para os quais as pessoas se esforçam, a quantidade de energia que gastam para realizar o objetivo e a probabilidade de atingir determinados níveis de desempenho comportamental (Carey & Forsyth, n.d.). Schunk (1995), Bandura (1997) e Snyder & Lopez (2007), definem a autoeficácia como a crença de um indivíduo na sua capacidade de realizar com sucesso uma determinada tarefa.

A autoeficácia geral pode ser descrita como uma sensação global de confiança na própria capacidade de lidar com uma grande variedade de situações difíceis e stressantes. Também se refere a um amplo e estável sentido de autocompetência (Luszczynska, Scholz, & Schwarzer, 2005).

Clark (2008) menciona que, quando os indivíduos têm um forte sentido de autoeficácia, po-

dem atingir os objetivos através da organização e seguindo um determinado plano de ação, independentemente das falhas ou dificuldades com as quais se possam deparar ao longo do processo. Collins (1982) refere que a qualidade do desempenho depende das flutuações das crenças de eficácia pessoal.

Para Meece & Painter (2012), e Schunk (1995), os alunos com maior autoeficácia envolvem-se nas tarefas por períodos mais longos e ao mesmo tempo investem em atividades que acreditam produzir conhecimento. Normalmente, quanto maior é a autoeficácia de um aluno maior é o seu envolvimento cognitivo quando pratica ou estuda (Nielsen, 2004). Para Meece & Painter (2012), e Schunk (1995), os alunos com maior autoeficácia envolvem-se nas tarefas por períodos mais longos e ao mesmo tempo investem em atividades que acreditam produzir conhecimento.

Existe consenso nas investigações e na literatura, quanto à importância dos altos níveis de autoeficácia para um desempenho musical de sucesso (e.g. Faulkner, Davidson, & McPherson, 2010; McPherson & McCormick, 2006).

Segundo Bandura (1997) a influência da autoeficácia no desempenho é notória. Os dados apresentados por Bandura (1997) sugerem que quanto maior for a autoeficácia melhor poderá ser a *performance*.

Para os especialistas, a autoeficácia pode ser o fator com maior influência nos níveis de ansiedade dos músicos. Esses sintomas podem ser prejudiciais para um bom desempenho e saúde dos indivíduos.

Zelenak (2011) foi um dos pioneiros na elaboração de uma escala das fontes de autoeficácia

musical. Michael Zelenak construiu uma escala em língua inglesa, destinada a avaliar as fontes de autoeficácia dos alunos de música do ensino secundário. Ekinci (2013) elaborou uma escala da autoeficácia direcionada para a *performance* musical, que foi administrada a alunos de música com idades compreendidas entre os 18 e 22 anos de idade.

Este trabalho teve como objetivo construir e validar uma escala, destinada à avaliação da autoeficácia e fontes de autoeficácia de alunos de música clássica, que frequentam os cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento do ensino universitário e politécnico em Portugal. Com melhor conhecimento dos níveis da autoeficácia e fontes de autoeficácia desta população, poderemos elaborar planos interventivos de promoção ou construção da autoeficácia.

2. Método

A elaboração da escala da autoeficácia musical foi desenvolvida com base na teoria da autoeficácia de Bandura (1977, 1986, 1997), e na escala da autoeficácia geral de Schwarzer & Jerusalem (1995).

O sucesso no desempenho musical tem sido associado à autopercepção de autoeficácia (Bandura, 1986). Relativamente à relação entre autoeficácia e desempenho, a teoria da autoeficácia (Bandura, 1986, 1997), postula que a combinação entre os quatro fatores de desenvolvimento da autoeficácia, experiência direta, experiência vicariante, persuasão social e estados físicos e emocionais, determinam os níveis de autoeficácia que afetam diretamente os resultados do desempe-

no. A experiência direta refere-se às experiências de sucesso que um indivíduo vivenciou no passado, e que podem ser úteis para prever a sua capacidade e sucesso na realização de outras tarefas. As experiências vicariantes baseiam-se na observação de modelos a realizar tarefas, permitindo a um indivíduo avaliar a sua capacidade para realizar essa tarefa ou uma tarefa similar. A persuasão social é normalmente exercida verbalmente, através de elogios, ou feedback sobre o desempenho, podendo contribuir para a sensação de capacidade para concluir uma tarefa com sucesso. Os estados físicos e emocionais dizem respeito aos julgamentos dos indivíduos sobre as suas emoções e estados físicos. Bandura (1994) menciona que o grau de intensidade das reações físicas e emocionais não é importante, é importante a forma como os indivíduos interpretam essas reações.

Segundo Schwarzer (1992), o constructo da autoeficácia percebida reflete-se em crenças de otimismo. Essas são crenças de alguém que pode executar tarefas novas, difíceis, ou que tem capacidades para lidar com adversidades. A escala da autoeficácia geral foi criada em 1979 por Matthias Jerusalem e Ralf Schwarzer, para avaliar a autoeficácia percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1995).

A escala da autoeficácia e fontes de autoeficácia musical apresentada neste trabalho, foi elaborada tendo em conta as especificidades das atividades dos músicos. A elaboração dos itens baseou-se nas quatro fontes de autoeficácia de Bandura acima referidas, e nos itens escala da autoeficácia geral de Schwarzer e Jerusalem.

3. Construção da Escala

Inicialmente foram elaborados 24 *itens*. Os *itens* foram especialmente concebidos para músicos e alunos de música, com o objetivo de analisar os seus níveis de autoeficácia, e crenças derivadas das fontes de autoeficácia relacionadas com o desempenho musical.

Foi utilizada uma escala Likert de 5 pontos, sendo que 1 seria correspondente a *discordo totalmente*, 2 a *discordo*, 3 a *não concordo nem discordo*, 4 a *concordo*, e a 5 *concordo totalmente*. De acordo com Revilla et al. (2014), a qualidade dos dados obtidos é maior com escalas de 5 pontos. Estes autores mencionam que a qualidade dos dados vai diminuindo com o aumento do número de opções de resposta.

Foi utilizado o método *Delphi* para elaborar e aperfeiçoar os itens da escala. O painel *Delphi* foi constituído por cinco especialistas, um psicólogo em educação da música, dois psicólogos da educação, um psicólogo clínico, e um musicólogo especialista em ensino instrumental. O consenso do painel foi conseguido na segunda ronda.

Durante o período em que decorram as consultas ao painel *Delphi*, foram também consultados cinco músicos. O objetivo foi ter opiniões sobre a qualidade e clareza das questões dos *itens* da escala.

A versão final da escala (Anexo I), com 22 *itens*, resultou das sugestões do painel *Delphi* e dos cinco músicos auscultados.

4. Análise Estatística

A análise estatística foi realizada com recurso

ao programa IBM *Statistical Package for the Social Sciences* versão 26, com um nível de significância definido a 0.05. As questões que compõem a escala foram agrupadas em 5 dimensões: Experiência direta (questões 1, 3, 5, 6, 9, 10, 13 e 15), Experiências vicariantes (questões 2 e 17), Persuasão verbal/social (questões 7, 11 e 20), Estados fisiológicos e emocionais (questões 14, 16, 18, 21 e 22) e Autoeficácia geral (questões 4, 8, 12 e 19). Cada uma destas foi analisada descritivamente quanto à aceitabilidade e confiabilidade. A aceitabilidade foi avaliada em termos de amplitude dos valores, efeito teto e chão. Um efeito $\leq 15\%$ é considerado aceitável. A consistência interna das dimensões da escala foi analisada através do Coeficiente alfa (α) de Cronbach, permitindo determinar se as questões que as compõem medem a mesma característica. A confiabilidade teste-reteste foi medida com recurso ao Coeficiente Intraclassa, baseado num modelo misto de dois fatores em concordância absoluta. Valores superiores a 0.7 foram considerados satisfatórios para ambos os coeficientes.

As capacidades discriminativas da escala foram avaliadas através dos coeficientes de correlação (ρ de Spearman) entre as dimensões da escala. As correlações foram consideradas muito fortes se o coeficiente fosse superior a 0.9, fortes se entre 0.7 e 0.9, moderadas se entre 0.5 e 0.7, fracas se entre 0.3 e 0.5 e muito fracas se inferiores a 0.3.

5. Procedimento

A escala foi disponibilizada numa plataforma online. O link de acesso à escala foi remetido a

quatro instituições, duas de ensino universitário e duas de ensino politécnico que lecionam ciclos de estudos de instrumento e canto na área da música clássica

6. Participantes.

Responderam à escala online 150 indivíduos, alunos de música clássica que frequentam os cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento de quatro instituições de ensino universitário e politécnico em Portugal. Dos participantes 59 eram do sexo masculino, 91 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e 41 anos de idade.

Participaram pianistas ($n= 21$), violinistas ($n= 24$), violetistas ($n= 9$), violoncelistas ($n= 12$), contrabaixistas ($n= 4$), flautistas ($n= 17$), oboístas ($n= 5$), clarinetistas ($n= 9$), fagotistas ($n= 6$), trompetistas ($n= 8$), trompistas ($n= 3$), trombonistas ($n= 2$), tubista ($n= 1$), percussionistas ($n= 3$), cantores ($n= 11$), e guitarristas ($n= 15$). Na figura 1 apresentamos o número de participantes por classes instrumentais.

Quanto às classes instrumentais dos participantes, 49 eram instrumentistas de cordas friccionadas, 51 de sopros, 21 de teclas, 15 de cordas dedilhadas, 3 de percussão e 11 de voz.

7. Resultados

Dimensão	Número de itens	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão ()
Experiência direta	8	17	40	34,1	4,3
Experiências vicariantes	2	5	10	8,6	1,3
Persuasão verbal/social	3	3	15	12,8	2,1
Estados fisiológicos e emocionais	5	12	25	20,5	2,6
Autoeficácia geral	4	8	20	16,0	2,6

Tabela 1 – Estatística descritiva das dimensões da escala

A Tabela 1 representa a análise descritiva das respostas a cada uma das dimensões da escala. A dimensão Experiência direta continha o maior número de itens ($n=8$) e também a maior dispersão das respostas ($\sigma=4,3$) comparativamente às restantes dimensões. Relativamente à aceitabilidade (Tabela 2), foram observados efeitos de teto nas dimensões de Experiências vicariantes (32,05) e Persuasão verbal/social (26,0%), em virtude do baixo número de itens que cada uma continha. Não se registaram efeitos de chão significativos em nenhum das dimensões. O coeficiente α de Cronbach variou entre 0,417 (Experiências vicariantes) e 0,814 (Experiência direta). As dimensões Experiência direta ($\alpha=0,814$), Persuasão verbal/social ($\alpha=0,737$) e Estados fisiológicos e emocionais ($\alpha=0,712$) atingiram uma consistência interna satisfatória. A consistência interna global da escala foi também apropriada ($\alpha=0,912$). Os resultados obtidos para o Coeficiente de Correlação Intraclasse indicam uma boa estabilidade entre observações nas dimensões Experiência direta (0,804), Estados fisiológicos e emocionais

(0,707) e na escala total (0,896).

Dimensão	Aceitabilidade		Confiabilidade	
	Efeito teto	Efeito chão	CCI	de Cronbach
Experiência direta	6,7%	0,0%	0,804	0,814
Experiências vicariantes	32,0%	0,0%	0,415	0,417
Persuasão verbal/social	26,0%	0,7%	0,669	0,737
Estados fisiológicos e emocionais	4,7%	0,0%	0,707	0,712
Autoeficácia geral	6,7%	0,7%	0,486	0,600

Tabela 2 – Características psicométricas das dimensões da escala

Nota: CCI, Coeficiente de Correlação Intraclasse

As correlações entre as 5 dimensões foram significativamente positivas ($p < 0,001$). A Autoeficácia geral esteve fortemente correlacionada com a Experiência direta ($\rho = 0,742$) e Estados fisiológicos e emocionais ($\rho = 0,752$). Contudo, os Estados fisiológicos e emocionais e as Experiências vicariantes apresentaram uma correlação fraca ($\rho = 0,382$). Os restantes coeficientes de correlação inter-dimensões atingiram uma intensidade moderada, variando entre 0,490 e 0,595 (Tabela 3).

Dimensão	Experiência direta	Experiências vicariantes	Persuasão verbal/social	Estados fisiológicos e emocionais
Experiências vicariantes	0,593			
Persuasão verbal/social	0,675	0,585		
Estados fisiológicos e emocionais	0,576	0,382	0,490	
Autoeficácia geral	0,742	0,496	0,595	0,752

Tabela 3 – Matriz de correlação entre as dimensões da escala (ρ de Spearman). Todas as correlações foram significativas ($p < 0,001$)

8. Discussão

A principal limitação do presente trabalho poderá ter sido o número de participantes ($n = 150$). Possivelmente um maior número de participantes poderia ter melhorado a qualidade dos resultados.

As análises estatísticas da escala elaborada apresentaram bons resultados quanto à aceitabilidade, confiabilidade e validade. Podemos considerar a Escala da Autoeficácia Musical para Instrumentistas e Cantores de Música Erudita, um instrumento útil para avaliar os níveis de autoeficácia e fontes de autoeficácia dos músicos.

Referências Bibliográficas

- Bandura, A. (1977). "Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change" em *Psychological Review*, 84(2), 191–215. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191>
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1994). "Self-Efficacy" em Ramachandran, V.S.

- Encyclopedia of human behavior*. New York: Academic Press. v. 4, p. 71-81. Reimpresso em Friedman, H. (Ed.). *Encyclopedia of mental health* (pp. 15-41). San Diego: Academic Press.
- Bandura, A. (1997). *Self-Efficacy. The Exercise of Control*. New York: Worth Publishers.
- Bandura, A. (2006). "Guide for constructing self-efficacy scales" em F. Pajares & T. Urdan (Eds.), *Self-efficacy beliefs of adolescents* (Vol. 5, pp. 307-337). Greenwich, CT: Information Age Publishing.
- Carey, M. P., & Forsyth, A. D. (n.d.). *Teaching Tip Sheet: Self-Efficacy*. Disponível em: <https://www.apa.org/pi/aids/resources/education/self-efficacy.aspx>.
- Clark, J. L. C. (2008). *String Student Self-Efficacy and Deliberate Music Practice: Examining String Students Musical Background Characteristics, Self-Efficacy Beliefs, and Practice Behaviors* (Unpublished doctoral thesis). University of North Texas, Texas, U.S.A.
- Collins, J. L. (1982). *Self-efficacy and ability in achievement behavior*. Paper presented at the annual meeting of the American Educational Research Association, New York.
- Ekinci, H. (2013). "The Validity and Reliability Study of the Self-Efficacy Scale of Musical Individual Performance" em *International Journal of Humanities and Social Science*, 3(3), 270-275.
- Emmons, S., & Thomas, A. (1998). *Power performance for singers*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Faulkner, R., Davidson, J. W., & McPherson, G. E. (2010). "The value of data mining in music education research and some findings from its application to a study of instrumental learning during childhood" em *International Journal of Music Education*, 28, 212-230.
- Hendricks, K. S. (2014). "Changes in self-efficacy beliefs over time: Contextual influences of gender, rank-based placement, and social support in a competitive orchestra environment" em *Psychology of Music*, 42(3) 347-365.
- Hornby, A. S. (1974). *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English* (3rd ed.). U.K.: Oxford University Press.
- Luszczynska, A., Scholz, U., & Schwarzer, R. (2005). "The general self-efficacy scale: multicultural validation studies" em *The Journal of Psychology*, 139(5), 439-457.
- McCormick, J., & McPherson, G. (2003). "The role of self-efficacy in a musical performance examination" em *Psychology of Music*, 31(1), 37-51.
- McPherson, G. E., & McCormick, J. (2000). "The contribution of motivational factors to instrumental performance in a music examination" em *Psychology of Music*, 31(1), 37-51.
- McPherson, G. E., & McCormick, J. (2006). "Self-efficacy and music performance" em *Psychology of Music*, 34, 322-336.
- Meece, J. L., & Painter, J. (2012). "Gender, self-regulation, and motivation" em D. H. Schunk & B. J. Zimmerman (Eds.), *Motivation and self-regulated learning: Theory, research, and applications* (pp. 339-368). New York, NY: Routledge.
- Nielsen, S. G. (2004). "Strategies and self-efficacy beliefs in instrumental and vocal individual practice: A study of students in higher education" em *Psychology of Music*, 32, 418-431.
- Revilla, M. A., Saris, W. E., & Krosnick, J. A. (2014). "Choosing the number of categories in agree-disagree scales" em *Sociological Methods & Research*, 43(1), 73-97.
- Rocha, S. F., Dias-Neto, E., & Gattaz, W.F. (2011). "Ansiedade na Performance Musical: tradução, adaptação e validação do Kenny Music Performance Anxiety Inventory (K-MPAI) para língua portuguesa" em *Revista de Psicologia Clínica*, 38(6), 217-21.
- Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1995). "Generalized Self-Efficacy scale" em J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston, Measures in *health psychology: A user's portfolio. Causal and control beliefs* (pp. 35-37). Windsor, UK: NFER-NELSON.
- Schunk, D. H. (1995). "Self-efficacy and education and instruction" em J. E. Maddux (Ed.), *Self-efficacy, adaptation, and adjustment: Theory, research, and applications* (pp. 281-303). New York, NY: Plenum.
- Schunk, D. H., & Pajares, F. (2009). "Self-efficacy theory" em K. Wentzel & A. Wigfield (Eds.), *Handbook of motivation at school* (pp. 35-53). New York, NY: Routledge.
- Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (2007). *Positive Psychology: the scientific and practical explorations of human strengths*. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.
- Zelenak, M. (2011). *Self-Efficacy in Music Performance: Mea-*

asuring the Sources Among Secondary School Music Students (Unpublished doctoral dissertation).
Tampa, FL: University of South Florida.

Zimmerman, B. J., Bandura, A., & Martinez-Pons, M. (1992).
"Self-motivation for academic attainment: The role of self-efficacy beliefs and personal goal settings" em *American Educational Research Journal*, 29, 663-676.

